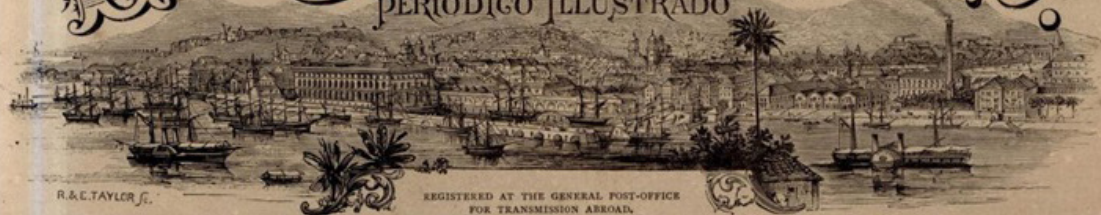


ECO AMERICANO

PERIÓDICO ILUSTRADO



R. & E. TAYLOR & CO.

REGISTERED AT THE GENERAL POST-OFFICE
FOR TRANSMISSION ABROAD.

VOL. II.—No. 34.]

LONDRES, 30 DE SETEMBRO DE 1872.

[PREÇO { BRAS. 1\$00.
PORTUGAL 500 Rs.



LÉON BIGOT.

UM ECO PARA A HISTÓRIA

Alexandre Veiga¹

Entre 1871 e 1872, quinzenalmente, circulou pelo Brasil e por Portugal uma publicação com características singulares. Impresso na Inglaterra, divulgava informações relativas às atividades comerciais e da sociedade em geral. A principal característica desse jornal eram suas ilustrações, feitas em bico de pena, com incrível qualidade artística. O nível de detalhamento, aliás, foi um dos argumentos usados pelos editores para imprimi-lo nas gráficas londrinas, pois entendiam que no país não havia competência técnica para isso.

A linha editorial do *Echo Americano* visava a defesa do regime monárquico, considerando que

enquanto as republicas hispano-americanas, em mais de meio século de sua independência, copiam as feições políticas da sua antiga metrópole, e imitam as suas incessantes perturbações e a instabilidade proverbial dos seus governos, o povo brasileiro cerrou há muito o templo de Jano às contendas e discórdias civis, e aceitando a monarquia constitucional, firma em mais sólidos cimentos as suas liberdades, e as goza com maior desassombro e tranquilidade que nenhum dos seus vizinhos irrequietos

Echo Americano, Vol. II, nº 34, 30 de setembro de 1872, pág. 170

No último dia de seu ano de estreia, o jornal publica a seguinte matéria:

¹ Historiador, arquivista, Mestre em Comunicação e Informação e Doutor em História pela UFRGS, é servidor público do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

O PODER REAL OU MODERADOR.

(QUESTÃO DE DIREITO PUBLICO.)

DESDE que muitos homens se occupam do mesmo objecto, é quasi impossivel que entre elles não appareçam divergencias acerca do modo de o encargar e desenvolver. Na ordem politica estas divergencias constituem os partidos.

Assim como os individuos tambem os partidos cuidam ter sempre do seu lado a razão e a justiça, e raras vezes reconhecem que não teem a maioria.

Todo o partido diz com Casimir Perrier:—

— Somos tres, porém comnosco estão trinta milhões!

Maioria, razão e justiça são, sem duvida nenhuma, titulos que habilitam para governar. E quem se suppõe munido de taes titulos não se desprende de pretensões ao governo.

E como todos os partidos se julgam igualmente habilitados, segue-se que são tantos os pretendentes ao governo como são os partidos.

Sendo porém muitos os pretendentes quem resolverá entre elles?—As urnas nada resolvem, por que os vencidos acham sempre centenas de causas a que attribuem a victoria dos adversarios e a propria derrota.

As sociedades modernas tem resolvido este problema creando fora dos partidos uma autoridade, que não tem interesse nelles:—que nem lucre com a sua ascensão ao poder, nem perca com a sua descida.

As funções proprias e privativas desta autoridade são em muito pequeno numero. Todavia as constituições de cada povo as podem augmentar como entenderem conveniente.

Se esta autoridade não for independente dos partidos, se com elles perder ou lucrar, as suas decisões correm o muito grande risco de não serem imparciaes; pelo menos não poderão evitar de serem cividas de parcialidade; e com este pretexto desmoralizadas pelos adversarios.

Se não existir essa autoridade, como os partidos tem direitos iguaes só restará para juiz entre elles a força.

E' por que entre ellas não existe autoridade superior aos partidos que as republicas hispano-americanas vivem em continuado estado de guerra civil:—*recorrem á força.*

31 DE DEZEMBRO DE 1872.

Foi por que nos Estados Unidos não havia, como ainda não ha, semelhante autoridade que os estados do sul encerraram nas idéas abolicionistas do norte um manejo, um ardil para sobre elles obterem triumpho. E nesta persuasão proclamaram a separação, que custou milhares de vidas, o aniquilamento de innumeras fortunas, e aos cofres da União, a somma que nem por algum foi nunca lembrada: UM MILHAR E OITO CENTOS MILHÕES STERLINGS (cerca de vinte bilhões de contos de reis! ?)

Para que a autoridade assim constituída seja independente dos partidos é preciso que seja hereditaria.

Esta idéa contraria e assusta aos espiritos fortes que discutem e declaram ignorar por que razão attribuições de tanta importancia hão de ser confiadas a um individuo unicamente por que nasceu entre pessoas de certa classe dita afortunada.

Consultando-se a historia é bem difficil decidir quando o poder tem causado maiores males; se na mão dos que são elevados pelas ondas revoltas das ebullições populares; se na mão dos que o recebem em razão de seu nascimento.

Demos porém que algum risco ha: ainda assim parece melhor corre-lo do que expor a sociedade ao combate diario de interesses e paixões que só tenham a força para os regular.

Abra-se, por exemplo, a constituição Brasileira; consultem-se as attribuições do poder moderador; —supponha-se abuso em todas ellas —ainda assim nem haveria a anarchia, nem a desmoralisação que se seguem a todos os movimentos armados.

E que abusos será facil em praticar aquelle poder sem dinheiro e sem exercito?—Dinheiro e força publica dependem da camara dos deputados. Uma mudança de ministerio acha correctivo na mesma camara; uma dissolução desta encontra igualmente correctivo nas urnas.

Nos queiramantes perigosa liberdade do que mania escravidão; mas é necessario não confundir tranquillidade com servidão.

Desde que ha votação apparecem vencedores e vencidos; estes mal se accommodam com a sua sorte:—aquelles raras vezes deixam de abusar.

E o abuso de muitos é muito mais nocivo que o abuso de um só.

Se os partidos poderem esperar que o poder lhes venha ás mãos sem emprego de meios violentos, poderão da mesma sorte resignar-se: a obter-o dentro de mais ou menos tempo. Se não tiverem essa esperanza, não renunciarão a elle; procurarão conseguil-o pela força.

Se finalmente um partido conseguir estabelecer o seu predomínio de modo tal que nenhum outro se atreva a afrontal-o, o resultado necessario e fatal é o despotismo, ou a oligarchia, que ainda é peor.

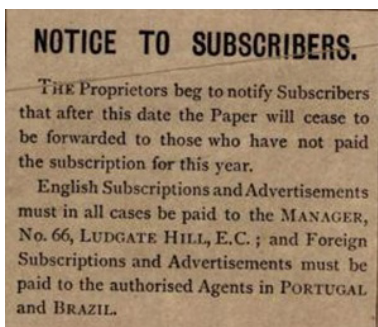
DR. A.

Essa premissa era acompanhada por uma divulgação efusiva do progresso obtido pela nação brasileira, que a colocaria em patamar de igualdade com os países da Europa. Praticamente todo o noticiário evocava um crescimento expressivo do país, seja na economia, nas grandes construções, na sociedade como um todo. Fazia uma significativa divulgação das chamadas “bellas artes”, destacando o que de mais impactante acontecia, nos demais países, relacionados a essa temática.

Teve uma circulação limitada, com a duração de apenas dois anos, mas seu significado ainda hoje reverbera na medida em que apostou alto num formato que atendia às necessidades de uma parte da população, pou-

co afeita à leitura: sua concepção gráfica, com intenso uso de imagens. Essa estratégia indica que o processo de elaboração do jornal era pensado para atender vários públicos, pois além de ilustrações impactantes, tinha algumas notícias e apelos publicitários apresentados em inglês e francês.

Nessa edição de nossa revista, aproveitamos para trazer ao público algumas páginas desse jornal, destacando principalmente sua singularidade imagética. As páginas que veremos digitalizadas foram obtidas do acervo do nosso Presidente, Miguel do Espírito Santo, que gentilmente cedeu os exemplares do *Echo Americano* de sua coleção particular, para que se fizesse esse registro documental. Esse conjunto é formado por 123 páginas que se distribuem em 9 edições do jornal, no período de 31 de agosto a 31 de dezembro de 1872.



A expressividade das ilustrações do jornal permite compreender o impacto que ele deve ter causado em uma sociedade até então pouco afeita a tais conteúdos. A premissa do jornal era desenvolver nos leitores os sentimentos de júbilo pelo progresso que a modernidade brasileira, dirigida por um imperador ilustrado, estava obtendo. Apresentava-se, portanto, como uma espécie de porta-voz do regime que transformava o Brasil em um país civilizado.

Nesse sentido, tornou-se um símbolo do modelo de imprensa que mais tarde iria se constituir em nosso país, tendo os jornais, no Brasil, de-

envolvido um papel de “motores morais” da civilização, pretendendo dar lições à sociedade, demonstrando o caminho a ser seguido. De modo geral, o propósito jornalístico, em nosso país, teve como princípio indicar ou revelar aos brasileiros as alternativas corretas a serem escolhidas, restando sempre como opção mais adequada guiar-se em razão do que era apresentado pelos jornais.

O *Echo Americano* foi, portanto, uma publicação que antecipou as práticas da imprensa que iriam perdurar no Brasil até a grande reforma dos jornais, ocorrida nos anos 1950, quando se instituiu a mudança de atitude dos grupos jornalísticos. Foi, ainda, um periódico diferenciado, indicando uma potencialidade latente na sociedade brasileira, em um período em que o mundo acelerava sua transformação. É, em função disso, um jornal que precisa ser mais conhecido, não apenas pelos especialistas, mas pelo público em geral. E é essa a razão principal de o colocarmos ao alcance dos nossos leitores.

